

# Capítulo 1

Christianna estava à janela do quarto, olhando para a encosta sob forte chuva. Observava um imenso cachorro branco, com o pelo emaranhado e encharcado, cavar animadamente na lama. De vez em quando ele erguia os olhos para ela e balançava a cauda, e depois tornava a cavar. Era o cão dos Pireneus que seu pai lhe dera oito anos atrás. O nome dele era Charles e, de muitas maneiras, era seu melhor amigo. Ela riu enquanto observava ele perseguir um coelho, que o enganou e desapareceu rápido. Charles latiu freneticamente e depois patinhou alegremente pela lama, procurando alguma outra coisa para perseguir. Estava se divertindo bastante, assim como Christianna, que apenas assistia. Era fim de verão e o tempo ainda estava quente. Ela retornara a Vaduz em junho, depois de quatro anos de faculdade em Berkeley. Voltar para casa fora um choque, e a melhor coisa em seu retorno até agora era Charles. Exceto por primos na Inglaterra e na Alemanha, e conhecidos pela Europa, seu único amigo era Charles. Ela levava uma vida protegida e isolada, sempre vivera assim. Parecia improvável rever seus amigos de Berkeley.

Ao ver o cão desaparecer rumo aos estábulos, Christianna correu para fora do quarto, decidida a sair e segui-lo. Apanhou a capa de montaria e um par de botas de borracha, que usava para limpar a baía de seu cavalo, e desceu, apressada, a escada dos fundos. Ficou grata por ninguém notá-la, e logo depois estava lá

fora, escorregando pela lama e indo atrás do cachorrão branco. Chamou-o pelo nome e ele veio em disparada num instante, quase a derrubando no chão. Balançou a cauda, respingando água por toda parte, pousou nela uma das patas enlameadas e, quando Christianna se abaixou para afagá-lo, deu-lhe uma lambida no rosto e depois saiu correndo enquanto ela ria. Juntos correram lado a lado pela trilha de montaria. O dia estava úmido demais para cavalgadas.

Quando o cachorro desviava da trilha, ela o chamava. Ele hesitava por apenas um instante e sempre retornava para ela em seguida. Geralmente era bem-comportado, mas a chuva o deixara agitado, pois corria e latia. Christianna estava se divertindo tanto quanto Charles. Depois de quase uma hora, ligeiramente sem fôlego, ela parou, com o cachorro ofegando muito ao seu lado. Então pegaram um atalho, e meia hora depois estavam de volta ao lugar de onde tinham partido. Tinha sido uma maravilhosa excursão tanto para a dona quanto para o cão, e cada um parecia tão censurável e desganhado quanto o outro. O longo cabelo loiro, quase branco, de Christianna estava emaranhado na cabeça, o rosto estava molhado e até os cílios estavam grudados. Ela nunca usava maquiagem, só quando precisava sair ou ser fotografada, e estava vestindo o jeans que trouxera de Berkeley. Era um souvenir da vida perdida. Havia adorado cada momento dos quatro anos na Universidade da Califórnia. Lutara arduamente para que sua ida para lá fosse permitida. Seu irmão tinha ido para Oxford, e o pai lhe sugerira a Sorbonne. Christianna fora firme quanto a estudar nos Estados Unidos, e o pai finalmente cedeu, mesmo que com relutância. Ir para tão longe significava liberdade, portanto, ele tinha se deleitado com cada dia que viveu lá e odiou retornar para casa quando se formou em junho. Fizera amigos dos quais sentia imensa falta, que eram parte de outra vida da qual sentia muita saudade. Tinha voltado para casa para encarar suas responsabilidades e fazer o que era esperado dela. Para Christianna, era como um fardo pesado, aliviado apenas em momentos assim, quando

corria pelo bosque com seu cachorro. No restante do tempo, desde seu retorno, sentia-se como se estivesse numa cadeia, cumprindo prisão perpétua. Não havia ninguém a quem pudesse revelar isso, e tal fato a faria parecer ingrata por tudo o que possuía. O pai era extremamente gentil com ela. Havia percebido, mais do que visto, sua tristeza desde que voltara dos Estados Unidos. Mas não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. Christianna sabia tão bem quanto ele que sua infância e a liberdade desfrutada na Califórnia tinham chegado ao fim.

Charles olhou para sua dona com certa indagação conforme alcançavam o fim da trilha de montaria, como se perguntasse se realmente precisavam voltar.

— Eu sei — disse ela, com carinho, dando-lhe tapinhas —, também não quero voltar.

A chuva caía gentilmente sobre o rosto de Christianna, que, tanto quanto o cachorro, não se importava de ficar ensopada ou com a longa cabeleira loira encharcada. A capa a protegia, as botas estavam cheias de lama. Ela riu ao olhar para Charles, pensando que era difícil acreditar que aquele cachorro marrom de lama era realmente branco.

Ela precisava se exercitar, assim como o cachorro fizera. Charles abanava a cauda enquanto a fitava, e então, andando de forma mais calma, os dois seguiram para casa. Ela esperava se esgueirar pelos fundos, mas colocar Charles para dentro, naquela condição vergonhosa, seria um grande desafio. Estava imundo demais para ir para cima, portanto, ela teria que levá-lo pela cozinha. Ele precisava desesperadamente de um banho depois da caminhada na lama.

Abriu devagarzinho a porta da cozinha, esperando passar despercebida pelo máximo de tempo possível, mas, tão logo a abriu, o enorme cachorro enlameado passou correndo, disparando para o meio do cômodo e latindo com agitação. Deixando de lado a entrada discreta, Christianna deu um sorriso de lástima e olhou com ar culpado para os rostos familiares ao redor. As pessoas que

trabalhavam na cozinha do seu pai sempre eram gentis com ela, que às vezes desejava ainda poder se sentar entre eles, desfrutando da companhia e da atmosfera amigável, como fazia quando era criança. Mas aqueles dias também estavam acabados. Não era mais tratada como quando ela e seu irmão Friedrich eram crianças. Friedrich era dez anos mais velho e ficaria viajando pela Ásia pelos próximos seis meses. Christianna tinha completado 23 anos naquele verão.

Charles ainda estava latindo e, tendo se sacudido com entusiasmo, havia espirrado lama em praticamente todos ao seu redor, enquanto Christianna tentava em vão controlá-lo.

— Sinto muito — disse ela enquanto Tilda, a cozinheira, limpava o rosto com o avental, balançava a cabeça e sorria tranquila para a jovem que conhecia desde o nascimento. Acenou depressa para um rapaz, que se apressou em levar o cachorro embora.

— Acho que ele ficou bastante sujo — disse Christianna, sorrindo para o rapaz, desejando poder ela mesma dar banho no animal. Gostava disso, mas sabia que era improvável que lhe permitissem. Charles uivou com tristeza enquanto era levado embora. — Não me importo de dar banho nele... — falou, mas o cachorro já tinha sido levado.

— Claro que não, senhora — disse Tilda, franzindo o cenho e usando uma toalha limpa para secar o rosto de Christianna. Se ainda fosse criança, a cozinheira teria brigado dizendo que estava com a aparência pior que a do cachorro. — Quer alguma coisa para almoçar?

Christianna nem tinha pensado nisso, então balançou a cabeça.

— Seu pai ainda está na sala de jantar. Acabou de terminar a sopa. Posso mandar levar alguma coisa para você. — Christianna hesitou, depois assentiu.

Não o vira naquele dia e gostava dos momentos tranquilos que compartilhavam quando ele não estava trabalhando e tinha alguns minutos para si mesmo, o que era raro. Geralmente estava

cercado de vários membros de sua equipe e com pressa de chegar às reuniões. Era um prazer para ele desfrutar uma refeição em paz, especialmente com a filha. Christianna apreciava o tempo que passavam juntos. Foi por ele que voltara de Berkeley de boa vontade. Não havia alternativa, embora adorasse a ideia de cursar pós-graduação só para poder ficar nos Estados Unidos. Não ousou pedir. Sabia que a resposta teria sido não. O pai a queria em casa. Ela sabia que teria que ser duplamente responsável porque seu irmão não o era minimamente. Se Friedrich estivesse disposto a aceitar suas responsabilidades, o fardo dela seria mais leve. Mas não havia qualquer esperança de que isso acontecesse.

Deixou a capa pendurada num gancho fora da cozinha e tirou as botas. Eram notavelmente menores que quaisquer outras por ali. Christianna tinha pés minúsculos e era tão pequena que parecia quase uma miniatura. Quando usava sapatos baixos, o irmão geralmente a provocava dizendo que parecia uma menininha, particularmente por causa do longo cabelo loiro, que ainda pendia molhado às costas. Possuía mãos delicadas, silhueta perfeita, em nada semelhante à de uma criança, e rosto de camafeu. As pessoas diziam que era parecida com a mãe, e um tanto parecida com o pai, que também era loiro, embora tanto ele quanto o irmão dela fossem bem altos, acima de 1,80m. A mãe era tão pequena quanto ela, mas morrera quando Christianna estava com 5 anos e Friedrich, com 15. O pai nunca casou outra vez. Christianna era a senhora da casa, e agora costumava ser a anfitriã do pai em jantares ou eventos importantes. Era uma das suas supostas responsabilidades, e apesar de não gostar, era um dever que cumpria amavelmente em consideração ao pai. Os dois sempre foram extremamente próximos. Ele sempre foi sensível ao fato do quanto fora difícil para ela crescer sem uma mãe. E, apesar dos muitos deveres, fez todos os esforços para ser tanto pai quanto mãe, nem sempre uma tarefa fácil.

Christianna subiu correndo a escada dos fundos vestindo jeans, suéter e meias. Chegou à despensa ligeiramente sem

fôlego, assentiu para as pessoas ali e esgueirou-se para a sala de jantar. O pai estava sozinho à mesa, meditando sobre uma pilha de papéis, usando óculos, com um ar sério no rosto. Não ouviu Christianna entrar. Ergueu o olhar e sorriu quando ela deslizou na cadeira ao lado dele. Estava obviamente satisfeito por ver a filha, sempre ficava.

— O que andou aprontando, Cricky? — Ele a chamava assim desde que era uma menininha. Afagou-lhe com carinho a cabeça quando ela se inclinou para beijá-lo e notou o cabelo molhado. — Você estava lá fora na chuva. Estava cavalgando num tempo desses?

Preocupava-se com ela, mais do que com Freddy. Christianna sempre foi tão pequena que lhe parecia muito frágil. Desde que perdera a esposa para um câncer 18 anos atrás, tratava a filha como o inestimável presente que se tornara para eles ao nascer. Era muito parecida com a mãe. Sua falecida esposa tinha exatamente a idade que Christianna tinha agora quando se casaram. Era francesa, metade Orléans e metade Bourbon, as duas famílias reais da França, que era a monarquia dominante antes da Revolução Francesa. Christianna descendia de famílias reais de todos os lados. Os ancestrais do pai eram em sua maioria alemães, com primos na Inglaterra. A língua materna do pai era o alemão, embora ele e a esposa sempre falassem francês, pois era como ela falava com os filhos. Assim que ela se foi, para homenageá-la, o pai de Christianna continuou falando com os filhos em francês. Ainda era a língua com a qual Christianna se sentia mais confortável, a que preferia, embora também falasse alemão, italiano, espanhol e inglês. Esse último idioma tinha melhorado imensuravelmente durante os anos de faculdade na Califórnia, e ela era totalmente agora fluente.

— Não devia sair para cavalgar na chuva – disse ele, repreendendo-a, com carinho. — Vai pegar um resfriado, ou pior.

Sempre temeu que ela ficasse doente, excessivamente até, admitia, desde a morte da esposa.

— Não estava cavalgando — explicou ela. — Só saí para correr com o cachorro.

Enquanto dizia isso, um criado pôs a sopa diante dela, no delicado Limoges de bordas douradas de 200 anos. O conjunto pertencera à avó francesa, e Christianna sabia que existiam muitos serviços de porcelana igualmente bonitos pertencentes aos ancestrais do pai também.

— Está muito ocupado hoje, papai? — perguntou Christianna, tranquila. Ele assentiu e empurrou os papéis para longe com um suspiro.

— Não mais que o comum. Tantos problemas no mundo, tantas coisas que não podem ser resolvidas. Os problemas humanos são tão complicados hoje em dia. As coisas não são mais simples.

O pai dela era bem famoso pelas preocupações humanitárias. Era uma das muitas coisas que Christianna admirava nele. Era um homem digno de respeito e estimado com grande afeição por todos que o conheciam. Era um homem de compaixão, integridade e coragem, e se tornara um exemplo poderoso a ser seguido por ela e pelo irmão. Christianna aprendia com seu exemplo e ouvia o que ele dizia. Freddy era mais indulgente consigo mesmo e não prestava atenção aos decretos, à sabedoria ou aos pedidos do pai. A indiferença de Freddy ao que se esperava dele fazia com que Christianna sentisse que devia cumprir deveres e sustentar tradições pelos dois. Sabia o quanto o pai se sentia desapontado com o filho, portanto, sentia que devia supri-lo. E, de fato, Christianna era muito mais parecida com o pai e sempre se interessava por seus projetos, particularmente aqueles que envolviam pessoas indigentes em países subdesenvolvidos. Fizera trabalho voluntário várias vezes em áreas pobres da Europa e nunca foi tão feliz como quando os realizava.

O pai explicou suas últimas empreitadas para ela, que ouvia com interesse e comentava de tempos em tempos. As ideias dela quanto ao assunto eram inteligentes e bem pensadas, o pai sempre teve profundo respeito por seu intelecto. Só desejava que o filho

tivesse sua inteligência e iniciativa. E sabia muito bem que Christianna achava estar desperdiçando seu tempo desde que voltara para casa. Ele tinha sugerido recentemente que ela considerasse estudar direito ou ciências políticas em Paris. Era uma maneira de mantê-la ocupada e exercitando a mente, e Paris era bem perto de casa. Ela tinha muitos parentes por lá, pela família da mãe, poderia ficar com eles e vir vê-lo com frequência. Embora fosse gostar, não existia a menor possibilidade de que pudesse ficar num apartamento sozinha, mesmo na idade dela. Christianna ainda estava refletindo sobre o plano dele, mas estava mais interessada em fazer algo útil que fizesse diferença para outras pessoas em vez de voltar aos estudos. Por insistência do pai, Freddy se formara em Oxford e possuía mestrado em administração por Harvard, que para nada lhe servia, dada a vida que levava. O pai teria permitido que Christianna estudasse algo mais esotérico, caso ela preferisse, embora fosse aluna excelente e uma moça muito séria, razão pela qual pensou que direito ou ciências políticas lhe cairiam melhor.

O assistente dele entrou se desculpando na sala de jantar quando terminavam o café e sorriu para Christianna. Era quase um tio para ela, pois trabalhara para seu pai durante sua vida inteira. A maioria das pessoas ao redor deles trabalhava para seu pai havia anos.

— Lamento interromper — disse o cavalheiro, com cautela. — Sua alteza tem um compromisso com o ministro das finanças em vinte minutos, mas há alguns relatórios novos sobre a moeda suíça que achei que desejaria ler antes de falar com ele. E nosso embaixador nas Nações Unidas estará aqui para vê-lo às 15h30.

Christianna sabia que o pai estaria ocupado até o jantar, e muito provavelmente a presença dele seria requisitada em algum evento oficial ou de Estado. Às vezes ia com ele, quando solicitada. Do contrário ficava em casa, ou aparecia sozinha em eventos similares. Em Vaduz não existiam noites casuais com os amigos, como acontecia em Berkeley. Agora só existia dever, responsabilidade e trabalho.



— Obrigado, Wilhelm. Estarei lá embaixo em alguns minutos — disse o pai dela tranquilamente.

O assistente se curvou com discrição diante dos dois e deixou a sala em silêncio, enquanto Christianna olhava para ele e suspirava, com o queixo nas mãos. Parecia mais jovem do que nunca, e um tanto preocupada, enquanto o pai a fitava e sorria. Era tão bonita, e uma moça muito boa. Ele sabia que as obrigações oficiais pesavam sobre ela desde seu retorno, como temia. As responsabilidades e o fardo que carregava não eram fáceis para uma moça de 23 anos. As inevitáveis restrições com que tinha que conviver a aborreciam, assim como havia acontecido com ele naquela idade. Também pesariam bastante sobre seu irmão quando ele retornasse na primavera, embora fosse muito mais talentoso para se esquivar das responsabilidades que o pai ou a irmã. A diversão era o único trabalho de Freddy agora, um emprego de tempo integral. Desde que saíra de Harvard, era indulgente consigo mesmo constantemente. Era tudo o que fazia, não tinha qualquer vontade de crescer ou mudar.

— Não fica cansado do que faz, papai? Fico exausta só de ver tudo o que você faz a cada dia. — As horas dele pareciam intermináveis, embora o pai nunca reclamasse. O senso de obrigação era parte de quem ele era.

— Eu gosto disso — respondeu com honestidade —, mas na sua idade não gostava. — Sempre era sincero com a filha. — Eu odiava, a princípio. Acho que cheguei a dizer ao meu pai que me sentia numa prisão, e ele ficou horrorizado. A pessoa se acostuma com o tempo. Você também vai, minha querida.

Não havia percurso alternativo para nenhum deles, exceto aquele que lhes fora imposto no nascimento, imposto séculos antes. Assim como o pai, Christianna aceitava sua sorte.

O pai de Christianna, o príncipe Hans Josef, era o príncipe soberano de Liechtenstein, um principado de 160 quilômetros quadrados, com 33 mil habitantes, limitado pela Áustria de um lado e pela Suíça do outro. Era inteiramente independente

e permanecia neutro desde a Segunda Guerra Mundial. Essa neutralidade preparou o terreno para o interesse humanitário do príncipe pelas pessoas oprimidas e sofredoras ao redor do mundo. De todas as coisas que o pai fazia, as atividades humanitárias eram o que mais interessava a Christianna. A política mundial era seu menor interesse, mas a maior paixão do pai, nascida da necessidade. Freddy não tinha interesse em nada, apesar de ser o herdeiro do principado e substituir o pai como governante um dia. Embora Christianna pudesse ser a terceira na linha sucessória ao trono em outros países europeus, as mulheres não podiam reinar em Liechtenstein, então mesmo que o irmão não assumisse seu lugar como príncipe soberano, Christianna nunca poderia governar seu país, e não possuía qualquer desejo de governá-lo, embora o pai gostasse de dizer com orgulho que ela seria muito capaz, mais até que o irmão. Christianna não invejava o papel que Freddy herdaria do pai um dia. Já tinha muitos problemas para aceitar o seu próprio papel. Sabia que a partir do dia em que retornasse da Califórnia, da faculdade, sua vida seria ali para sempre, cumprindo seus deveres e fazendo o que era esperado. Não havia dúvida nem escolha. Ela era como um belo cavalo puro-sangue com apenas um único trajeto a seguir, o de apoiar o pai, da forma mais insignificante que podia. Na maioria dos casos, o trabalho que fazia parecia tremendamente inexpressivo. Era como se estivesse desperdiçando sua vida em Vaduz.

— Às vezes odeio o que faço — disse ela com honestidade, mas não estava dizendo ao pai nada que ele já não soubesse. O príncipe não tinha muito tempo para tranquilizá-la, já que tinha a reunião com o ministro das Finanças em poucos minutos, mas o ar angustiado nos olhos da filha lhe sensibilizou a alma. — Eu me sinto inútil aqui, papai. Como você disse, com tantos problemas no mundo, por que estou aqui, visitando orfanatos ou inaugurando hospitais, quando poderia estar em outro lugar, fazendo alguma coisa importante?

Parecia melancólica e triste quando o pai lhe tocou a mão.

— O que está fazendo é importante. Está me ajudando. Não tenho tempo para fazer o que faz por mim. Significa muito para o nosso povo vê-la em meio a eles. É exatamente o que sua mãe teria feito se ainda fosse viva.

— Ela fez isso por escolha — argumentou Christianna. — Sabia como seria a vida dela quando se casou com você. Era o que ela queria fazer. Eu sempre me sinto como se estivesse apenas vendo o tempo passar.

Os dois sabiam que se ela aceitasse os desejos do pai, acabaria se casando com alguém similarmente bem-nascido, e que se o marido fosse um príncipe soberano como o pai, ou um príncipe herdeiro como o irmão, tudo isso a prepararia para aquela vida. Sempre havia a remota possibilidade de se casar com alguém de menor estirpe, mas sendo Princesa Real por um lado e Sereníssima por outro, era mais do que improvável que se casasse com alguém que não fosse de berço real. Seu pai nunca permitiria. Pelo lado da mãe, todos os Bourbon e Orléans possuíam o título de realeza. A mãe de seu pai também fora uma Princesa Real. O príncipe soberano de Liechtenstein era Sereníssimo. Por nascimento, Christianna era as duas coisas, mas seu título oficial era “Sereníssima”. Eram parentes dos Windsor na Inglaterra — a rainha da Inglaterra era prima em segundo grau —, e na família do príncipe Hans Josef estavam os Habsburgo, os Hohenlohe e os Thurn und Taxis. O principado em si era intimamente ligado à Áustria e à Suíça, embora não houvesse famílias reinantes por lá. Mas cada um dos parentes do príncipe Hans Josef, de Christianna e de Freddy, e dos ancestrais que os precederam, era de berço real. O pai dizia desde quando ela era uma menininha que, quando se casasse, ficaria dentro dos limites de seu mundo. Nunca lhe ocorreu fazer outra coisa.

O único momento na vida em que Christianna não foi afetada por seu status real em caráter diário foi quando estava na Califórnia, onde vivia num apartamento em Berkeley com um

casal de guarda-costas. Ela só confessou a verdade às duas amigas mais próximas, que guardaram religiosamente seu segredo, assim como a administração da universidade, que também estava a par do assunto. A maioria das pessoas que conheceu por lá não fazia ideia de quem ela era, e Christianna amava isso. Tinha florescido naquele raro anonimato, livre das restrições e obrigações que considerava tão opressivas desde pequena. Na Califórnia, era “quase” uma universitária qualquer. Quase. Com dois guarda-costas e um pai que era príncipe soberano. Ela sempre era vaga quando as pessoas perguntavam que tipo de trabalho seu pai fazia. Por fim aprendeu a dizer que ele trabalhava com direitos humanos, ou relações públicas, às vezes política, tudo, em essência, verdadeiro. Nunca usou o título enquanto estava lá. De qualquer forma, poucas pessoas que conhecia pareciam saber onde Liechtenstein ficava, ou que possuía sua própria língua. Nunca contou às pessoas que seu lar era um palácio real em Vaduz, que fora construído no século XIV e reconstruído no século XVI. Christianna tinha amado a independência e o anonimato nos anos de faculdade. Agora tudo tinha mudado. Em Vaduz, ela era novamente a Princesa Sereníssima e tinha que suportar tudo que condizia ao título. Para ela, ser uma princesa era uma maldição.

— Gostaria de ir comigo à reunião com nosso embaixador na ONU hoje? — perguntou o pai, para tentar animá-la. Christianna suspirou e balançou a cabeça enquanto ele se erguia da mesa de jantar, gesto que ela imitou.

— Não posso. Tenho que ir à inauguração de um hospital. Não sei por que temos tantos hospitais. — Sorriu com melancolia. — É como se eu fosse a uma dessas inaugurações todos os dias. Era um exagero, claro, mas ela às vezes se sentia assim.

— Garanto que significa muito para eles ter sua presença lá — disse ele, e Christianna sabia disso. Só queria que houvesse algo mais útil para fazer, trabalhando com pessoas, ajudando-as, tornando suas vidas melhores de maneira concreta, em vez de colocar um chapéu bonito, um tailleur Chanel e as joias da falecida

mãe, ou outras das que eram mantidas no cofre do Estado. A coroa que a mãe usara na coroação de seu pai ainda estava lá. O pai sempre dizia que Christianna a usaria no dia de seu casamento. E ela própria tinha ficado pasma por descobrir o quanto era pesada quando a experimentou, exatamente como as responsabilidades inerentes à peça. “Gostaria de ir comigo ao jantar em homenagem ao nosso embaixador na ONU hoje?”, foi a oferta do príncipe Hans Josef enquanto recolhia os papéis. Não queria apressá-la, diante de sua óbvia tristeza, mas já estava atrasado.

— Precisa de mim lá? — perguntou Christianna educadamente, sempre respeitosa. Iria sem reclamar se ele dissesse que sim.

— Não exatamente. Só se você quiser. Ele é um homem interessante.

— Garanto que sim, papai, mas se não precisa de mim, prefiro ficar de jeans e subir para ler.

— Ou brincar no seu computador — brincou ele.

Christianna adorava mandar e-mails para os amigos nos Estados Unidos, e ainda se comunicava com eles com frequência, embora soubesse que, inevitavelmente, as amizades acabariam desaparecendo. A vida dela era muito diferente da deles. Ela era uma princesa completamente moderna, uma jovem impetuosa, e às vezes achava que o peso de quem era e do que se esperava dela parecia uma bola de ferro atada numa corrente. Sabia que Freddy sentia o mesmo. Vivia como um playboy nos últimos 15 anos, aparecia nos tabloides junto com atrizes e modelos de toda a Europa, às vezes com alguma jovem da realeza. Era por isso que atualmente estava na Ásia, para evitar a constante atenção pública e a imprensa. O pai o encorajara a tirar umas férias. Estava se aproximando o momento de Freddy sossegar. O príncipe não esperava menos da filha, já que não herdaria o trono. Mas também sabia o quanto ela estava entediada, razão pela qual queria que fosse para a Sorbonne em Paris. Até ele sabia que Christianna precisava de mais para fazer do que cortar faixas de inauguração de hospitais. Liechtenstein era um país pequeno, e

sua capital, Vaduz, uma cidadezinha. Há pouco tempo sugerira que ela fosse para Londres visitar os primos e amigos. Agora que tinha concluído os estudos e ainda não estava casada, havia muito pouco com que ocupar seu tempo.

— Vejo você antes do jantar — disse o pai ao beijá-la no topo da cabeça. O cabelo dela ainda estava úmido, e Christianna o fitou com seus enormes olhos azuis. A tristeza neles despedaçava o coração dele.

— Papai, quero algo mais para fazer. Por que não posso me afastar como Freddy? — Ela soava melancólica, como qualquer garota de sua idade que quisesse uma grande concessão do pai, ou permissão para fazer algo que ele dificilmente aprovaria.

— Porque quero você aqui comigo. Eu sentiria muitas saudades se ficasse fora por seis meses. — De repente havia uma centelha de travessura nos olhos do pai. Tinha se comportado de maneira muito ousada quando a mãe de Christianna ainda estava viva, mas levava uma vida de responsabilidade e em família desde então. Não existia nenhuma mulher em sua vida, não desde que a mãe de Christianna morrera, embora muitas tivessem tentado. Hans Josef tinha se devotado inteiramente à família e ao trabalho. Era uma verdadeira vida de sacrifício, muito mais que a da filha. Mas Christianna também sabia que ele esperava o mesmo dela.

— No caso do seu irmão — ele sorriu para a jovem —, é um grande alívio que ele às vezes desapareça. Você sabe como ele sempre provoca escândalos.

Christianna riu alto. Freddy tinha um dom para entrar em confusão e ser pego pela imprensa. O adido de imprensa tinha um trabalho de tempo integral para encobrir os passos de Freddy desde seus dias em Oxford. Aos 33, completara 15 anos sendo um item quentíssimo para a imprensa. Christianna só aparecia nas notícias de jornais e revistas em ocasiões oficiais com o pai, ou quando inaugurava hospitais e bibliotecas.

Houve apenas uma fotografia dela na revista *People* durante todo o tempo em que esteve na faculdade, tirada enquanto assistia

a um jogo de futebol americano com um de seus primos reais britânicos, algumas na *Harper's Bazaar* e na *Vogue*, e uma adorável na *Town and Country*, em que ela estava trajando um vestido de baile, num artigo sobre jovens da realeza. Christianna era discreta, o que agradava ao pai. Freddy era uma história completamente diferente, mas ele era um garoto, como o príncipe Hans Josef sempre apontava. Mas tinha avisado ao filho que, quando retornasse da Ásia, não haveria mais aventuras com supermodelos ou escândalos com atrizes, e que se ele continuasse a chamar a atenção para si mesmo, o pai cortaria sua mesada. Freddy tinha entendido a questão e prometera se comportar quando voltasse. Porém, não estava com pressa de retornar.

— Vejo você à noite, querida — disse o príncipe Hans Josef enquanto lhe dava um caloroso abraço, deixando depois a sala de jantar enquanto todos os criados pelos quais passava se curvavam.

Christianna voltou para o próprio apartamento no terceiro andar do palácio real. Ela possuía um quarto bonito e espaçoso, um quarto de vestir, uma bela sala de estar e um escritório. Sua secretária estava à espera, e Charles estava deitado no chão. Havia sido banhado, enfeitado e penteado, e em nada parecia com o cachorro com o qual correria pelo bosque naquela manhã. Parecia tremendamente desanimado e um tanto deprimido por causa de seja lá o que tivessem feito para limpá-lo. Odiava tomar banho. Christianna sorriu ao dar uma olhada nele, sentindo que tinha mais em comum com o cachorro do que com qualquer outra pessoa no palácio, ou talvez no país inteiro. Gostava de ser penteada e enfeitada tanto quanto o animal. Estava muito mais feliz correndo com ele naquela manhã, ficando ensopada e coberta de lama. Acariciou-lhe um pouco e sentou-se à escrivaninha, enquanto a secretária erguia o olhar e sorria ao lhe entregar a temida programação. Sylvie de Maréchale era uma suíça de Genebra, com quase 50 anos, cujos filhos tinham crescido e partido. Dois moravam nos Estados Unidos, um, em Londres, e outro, em Paris, e nos últimos seis anos ela vinha cuidando de tudo para

Christianna. Estava gostando muito mais do trabalho agora que a princesa estava em casa. Fazia o estilo maternal e acolhedor, e era alguém com quem Christianna podia ao menos conversar, e, se necessário, reclamar sobre a chatice de sua vida.

— Vai inaugurar um hospital infantil hoje às 15 horas, Alteza, e fazer uma parada num lar de idosos às 16 horas. Deve ser uma parada bem curta, e a senhora não precisará fazer um discurso em nenhum dos dois lugares. Só algumas palavras de apreciação e agradecimento. As crianças no hospital lhe entregarão um buquê. — Ela possuía uma lista das pessoas que a escoltariam, e os nomes das três crianças escolhidas para presenteá-la com o buquê. Ela era impecavelmente organizada e sempre fornecia a Christianna todos os detalhes essenciais. Quando necessário, viajava com ela. Em casa, ajudava a organizar pequenos jantares com pessoas importantes que a jovem devia entreter a pedido do pai, ou jantares maiores para chefes de Estado. Tinha coordenado uma casa impecável por anos e agora estava ensinando Christianna a coordenar a dela, com todos os pormenores e a atenção aos detalhes que fazia com que cada evento transcorresse bem. Suas instruções eram exatas, seu gosto, magnífico, e a gentileza com a jovem empregadora, sem limites. Era a assistente perfeita para uma jovem princesa, além de possuir um ótimo senso de humor que levantava o ânimo de Christianna quando os deveres pesavam demais.

— Vai inaugurar uma biblioteca amanhã — disse gentilmente, sabendo o quanto Christianna estava cansada de fazer coisas assim, apesar de estar em casa há apenas três meses. O retorno de Christianna a Vaduz ainda lhe parecia uma sentença de prisão. — Terá que fazer um discurso amanhã — avisou —, mas conseguiu escapar hoje. — Christianna parecia pensativa, refletindo sobre a conversa com o pai. Ainda não sabia para onde, mas queria se afastar. Talvez depois que Freddy voltasse, para que o pai não se sentisse tão sozinho. Sabia que ele tinha odiado sua ausência. Amava e apreciava os filhos, e sendo príncipe ou não, apreciava



sua família mais do que qualquer coisa, assim como amava seu casamento, e ainda sentia falta da esposa. — Quer que eu escreva o discurso de amanhã? — ofereceu-se Sylvie. Ela já tinha feito isso antes e era boa. Mas Christianna balançou a cabeça.

— Eu mesma faço. Posso escrever à noite. — Isso lhe lembrava das tarefas de casa na época de faculdade. Achava que até disso sentia falta agora, e era algo para se fazer.

— Vou deixar os detalhes da nova biblioteca numa folha sobre sua escrivaninha — disse Sylvie, que então olhou para o relógio, surpresa com a hora. — Melhor se vestir. Você tem que sair em meia hora. Tem alguma coisa que eu possa fazer? Ou pegar para a senhora?

Christianna balançou a cabeça. Sabia que Sylvie estava se oferecendo para apanhar joias no cofre, mas tudo o que Christianna sempre usava eram as pérolas da mãe e os brincos que faziam parte do conjunto, todos presentes que a mãe recebera do príncipe Hans Josef. Usá-las significava muito. E sempre agradava o pai ver Christianna usando as joias da mãe. Com um aceno de cabeça para Sylvie, ela foi se trocar, e Charles se levantou para acompanhá-la.

Meia hora depois, Christianna estava de volta ao escritório, parecendo uma princesa em cada centímetro de seu tailleur Chanel azul-claro com uma flor branca e uma fita preta no pescoço. Estava carregando uma bolsinha de crocodilo preta que o pai comprara em Paris, que combinava com os sapatos de crocodilo pretos, as pérolas e os brincos da mãe, e um par de luvas infantis preso ao bolso do tailleur.

Parecia elegante e jovial, com seu longo cabelo loiro puxado para trás num suave rabo de cavalo. Estava impecável ao sair do Mercedes sedã diante do hospital e foi calorosa e graciosa ao cumprimentar o diretor do estabelecimento e seus administradores. Pronunciou algumas palavras de agradecimento, reconhecendo o trabalho que faziam ali. Parou para conversar e apertar as mãos de todas as pessoas que transbordavam nos primeiros degraus para

vê-la. Todos se maravilhavam com sua beleza, com sua aparência jovem e estimulante, com a elegância do tailleur, com seus modos modestos, e com o quanto era despreziosa. Como sempre fazia quando em aparições públicas, representando o pai e o palácio, Christianna esforçava-se consideravelmente para causar uma boa impressão em todos que a conheciam, e conforme se afastava para ir embora, todos parados lá fora acenavam, assim como ela, que usava suas impecáveis luvas infantis brancas. A visita ao hospital fora um completo sucesso para todos.

Christianna recostou a cabeça no assento por um minuto enquanto seguiam para o lar de idosos, pensando nos rostos das crianças que acabara de beijar. Tinha beijado outras centenas como aquelas desde que assumira seus deveres em junho. Era difícil acreditar, e ainda mais difícil aceitar, que era o que faria pelo resto da vida – cortar fitas, inaugurar hospitais, bibliotecas e centros geriátricos, beijar crianças e senhoras, apertar as mãos de dúzias de pessoas, depois se afastar e acenar. Não pretendia ser ingrata por suas bênçãos, ou desrespeitosa com o pai, mas odiava cada instante daquilo.

Sabia muito bem que era sortuda de diversas formas. Mas ao pensar nisso, no quanto sua vida estava se tornando fútil e continuaria a ser assim ao longo dos anos, ficava profundamente deprimida. Os olhos ainda estavam fechados quando estacionaram diante do centro geriátrico, e quando o guarda-costas que a acompanhava por toda a parte lhe abriu a porta, viu duas lágrimas rolarem vagarosamente por suas bochechas. Com um sorriso para ele e para as pessoas que a aguardavam com ares de animação e expectativa, e a mão coberta pela luva, ela secou as lágrimas.